

# ENTROU PARA A HISTÓRIA ANTES DE SAIR DA VIDA

Por Beatriz Mattioli,  
Juliana Américo  
e Sara Abdo

Luta, força, honra e saudades são palavras que descrevem a Professora Nadir Kfouri, falecida no mês passado, que marcou a história da PUC-SP, deixando sua marca e se tornando uma espécie de heroína para os estudantes da universidade até os dias atuais.

Nadir Gouvêa Kfouri nasceu em 19 de dezembro de 1913, em Avaré, interior de São Paulo, e aos 14 anos veio para a capital, estudar na Escola Normal da Praça da República. Em 1934, entrou para a Escola de Serviço Social, a primeira da área no país. E se especializou em pós-graduação no National Catholic School of Social Service of Washington, no EUA, em 1943.

Durante os anos de 1953 e 1957, foi diretora da Escola de Serviço Social, que foi incorporada a PUC-SP no fim dos anos 60. Tornou-se Diretora do Centro de Ciências Humanas, e professora de graduação e pós-graduação no Serviço Social. Nadir sempre se interessou pelos problemas que a população brasileira sofria, e por isso ministrou 41 cursos intensivos por todo o Brasil, o que lhe garantiu cargo de perita das Nações Unidas, levando-a a lecionar em escolas de serviço social na Espanha, nos anos de 1958 e 1959.

Além de ter sido assessora técnica junto à antiga Secretaria do Bem-Estar Social de São Paulo, e ter militado em movimentos da Ação Católica, como, a Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Universitária Católica (JUC) e Juventude Operária Católica (JOC), foi, também, Reitora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no período entre 1977 e 1984. Convidada pelo cardeal D. Paulo Evaristo Arns, foi a primeira mulher a chefiar uma universidade católica e primeira reitora do Brasil a ser eleita pelo voto direto de professores, funcionários e alunos, em 1980.

“Só posso tecer elogios à suas qualidades de dedicação ao trabalho, de preocupação com os destinos da Universidade. E, sobretudo, à capacidade de enfrentar e resolver as situações difíceis. Como na ocasião da invasão da PUC-SP: seu desempenho corajoso e lúdico é algo que marcará para sempre a vida de nossa instituição. É uma honra muito grande constatar que hoje, ocupo a cadeira que sempre foi – e sempre será – dela”, afirma Professor Dirceu de Mello, Reitor da PUC-SP (gestão de 2008-2012).

## 2007: Reitoria convoca a PM

Em 2007, trinta anos depois da repressão durante a ditadura, a polícia volta a ocupar a universidade, mas dessa vez, chamada pela reitora Maura Vêras.

Na madrugada de sábado, 10 de novembro, mais de 100 homens da tropa de choque da PM, fortemente armados, entraram no Campus Monte Alegre, com uma liminar de reintegração de posse e retirou cerca de 250 estudantes que estavam ocupando a reitoria, em protestos que exigiam melhoras na qualidade do ensino.

A atitude da reitora provocou fúria e repúdio da comunidade puquiã, principalmente porque a direção fez uma série de eventos em lembrança os 30 anos de invasão, nos quais a própria Vêras disse que “a polícia só entraria na PUC novamente se passasse no vestibular”, palavras que se mostraram cínicas poucos meses depois.

## PUC perde um símbolo da resistência à ditadura



Nadir visitou a PUC-SP em 2002, para conhecer a biblioteca central que leva seu nome



“Não dou a mão a assassino”



Marcou a história e os corações da comunidade puquiã

Nadir ficou marcada para sempre na história da universidade. Na noite de 22 de setembro de 1977, tropas de repressão do regime militar comandadas pelo coronel Erasmo Dias, na época Secretário de Segurança Pública, invadiram a PUC para dissolver uma manifestação de estudantes que festejavam a reorganização da UNE (União Nacional dos Estudantes). No marcante episódio, a ex-reitora enfrentou o coronel Erasmo Dias dizendo “Não dou a mão a assassinos”. O confronto do episódio que é considerado um marco histórico no processo de redemocratização do Brasil, terminou com quase mil estudantes detidos e muitos feridos pelas bombas de gás lacrimogêneo, diretamente lançadas pelas tropas da polícia contra os estudantes que participavam do ato.

“Na frente do Tuca houve uso de bombas que queimaram vários estudantes e obrigaram as pessoas a entrarem no prédio. Foi a desculpa utilizada para as tropas entrarem atrás dos participantes do ato público, desculpa que logo se evidenciou descabida, uma vez que o prédio foi invadido por todos os lados ao mesmo tempo. A invasão se deu em poucos minutos, pois eram muitos soldados e bem determinados a entrar, arrombando portas e quebrando coisas e retirando todos do prédio. Fomos todos levados para um

estacionamento que existia em frente ao Tuca e lá algumas pessoas foram liberadas e grande maioria foi presa. Foram liberados professores e funcionários da PUC, desde que mostrassem a carteira de trabalho e não fossem apontados pelos ‘dedos duros’ que passavam entre nós indicando algumas pessoas. Eu estava sozinha, nessa confusão me perdi de meus colegas professores. O momento da invasão foi inesquecível, pela rapidez com que ocorreu, pela brutalidade, pelo absurdo de se invadir e violar a universidade”, Maria da Graça Gonçalves, professora do Departamento de Psicologia da PUC-SP (em entrevista concedida ao **Contraponto** em 2003)

Nadir Kfouri morreu com 97 anos, em decorrência de uma pneumonia. Solteira e sem filhos, sua vida foi basicamente dedicada ao universo acadêmico. Considerada a melhor reitora da universidade em diversos aspectos, Nadir deixará saudade a todos aqueles que lutaram e ainda lutam por uma PUC mais livre e humana.

## Juca Kfouri

“Era a tia mais querida, maior orgulho da família, e protagonizou cena histórica ao deixar o secretário da segurança de São Paulo, coronel Erasmo Dias, de mão suspensa no ar ao se recusar a cumprimentá-lo na noite em que a polícia que ele comandava invadiu violentamente o Tuca, onde se realizava um encontro clandestino da UNE. ‘Não dou a mão para assassino’, disse do alto de sua indignação ao ver estudantes queimados pelas bombas de gás lacrimogêneo”, afirmou Juca Kfouri, jornalista e sobrinho de Nadir.